

Crise aumenta número de microempresas

Como na época do Plano Cruzado, o brasiliense voltou a enxergar na microempresa uma saída para o achatamento salarial e a desvalorização de suas economias. O número de empresas registradas nos seis primeiros meses deste ano na Junta Comercial representa um crescimento em torno de 50% em relação ao mesmo período, no ano passado. Um outro bom termômetro para medir o grau da expectativa é o número de consultas e de turmas que o Centro de Apoio à Pequena e Média Empresa - Ceag tem atendido a partir desse ano. Os cursos de iniciação empresarial que em 1988 recebiam de 7 a 12 alunos, têm fechado com turmas de 30 a 40 pessoas. As consultas pessoais e por telefone chegam a uma média diária de 30.

De acordo com os dados da Junta Comercial, o número de microempresas registradas vem crescendo mês a mês, com uma exceção justificável em função do período de férias. Em janeiro foram registradas 437 novas microempresas, em fevereiro 373, em março 521 e em abril 598. Embora sem, o número oficial, o Ceag estima que em maio tenham se constituído 687 novas microempresas e 790 em junho.

Empenho

O novo "boom" da microempresa, afirma Edward Pereira Bastos, gerente da área de projetos especiais do Ceag, é típico de períodos de crise. Desta vez, no entanto, os candidatos chegam com mais maturidade e empenho que há três anos. Atendendo no "balcão do empresário", seção onde se presta informação e se faz o encaminhamento das pessoas que procuram o Ceag, Maria Cristina Maioli avalia que essa "garra" fica mais evidente quando se analisa que agora, diferentemente da época do Plano Cruzado, o microempresário não conta com juros subsidiados. A partir do mês passado também deixou de contar com a isenção do ICM e ISS, substituídos pelo ICMS.

Apesar de tudo, argumenta Margareth Cardoso da Silva, ainda assim é mais compensador arregaçar as mangas num desafio como este do que viver de salário. Separada, com um filho para criar, ela sempre quis desenvolver uma atividade comercial onde pudesse exercer suas habilidades manuais. A oportunidade veio através de um amigo, que tinha o capital necessário e queria aplicá-lo na melhoria da renda familiar, mas na condição de militar da ativa não podia fazê-lo. A sociedade foi constituída entre ela e a esposa do militar. Os três - ele agora licenciado

dedicam-se às providências finais para registro da firma e produção dos artigos de festas que serão vendidos ou alugados através da loja, na 403 Norte.

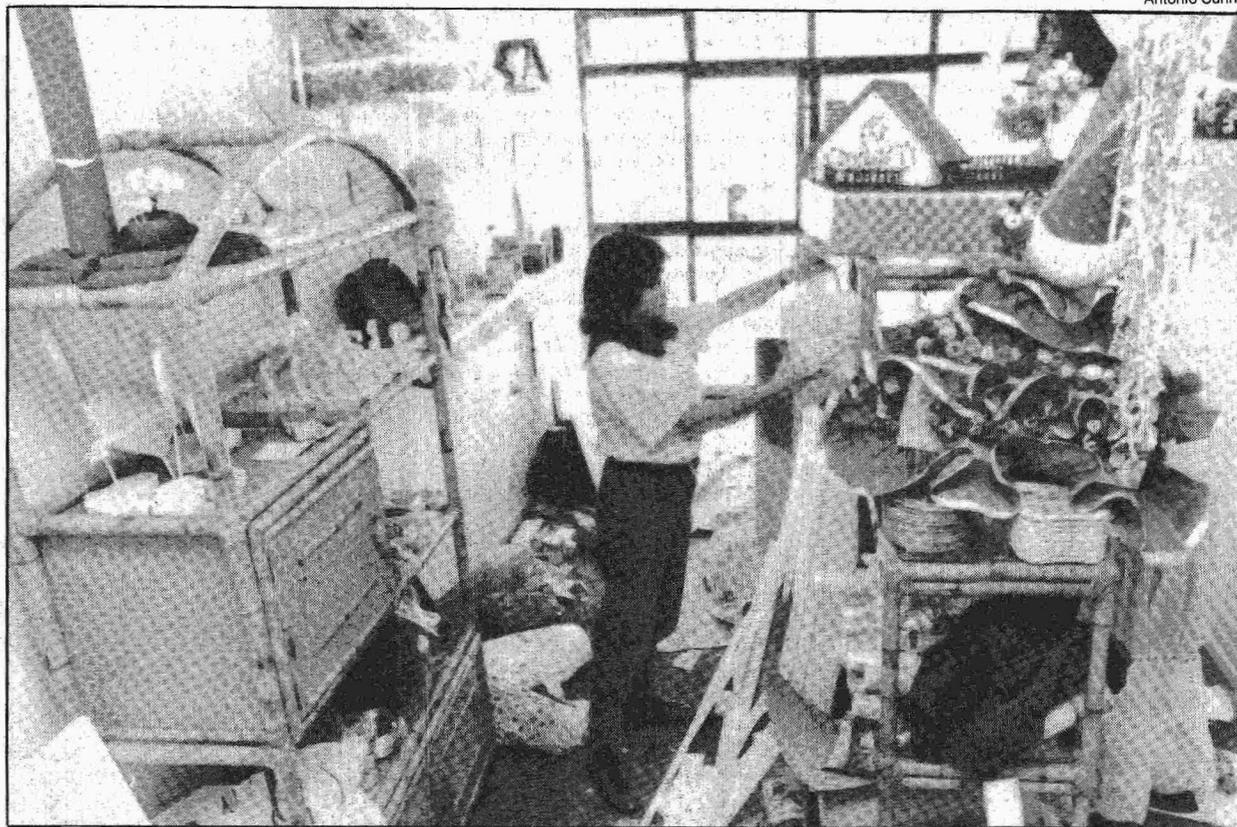
Mulheres

Os artigos para festas, as confecções, bares, restaurantes e lanchonetes são os segmentos mais atrativos para o candidato a microempresário, hoje. Segundo observa Maria Cristina, são as mulheres as mais interessadas em realizar novos investimentos até por serem estas atividades ligadas ao seu cotidiano doméstico. A maioria já chega sabendo o que quer, enquanto os homens têm apenas a determinação de constituir uma empresa. Muitos chegam sem saber a que dedicar-se e quase sempre acabam optando por atividades de representação como a venda de materiais de construção, confecções, vídeo-clubes.

A informática também está em alta tanto na preferência de homens quanto de mulheres. A microempresa é não só uma alternativa de melhorar de renda mas também uma forma de, em época de escassez de emprego, se conseguir colocação para todos os membros da família, admite Edward Bastos. Segundo ele, geralmente o homem continua empregado - em especial se é funcionário público - e fica como sócio-cotista de um negócio que vai ser tocado pela mulher e pelos filhos.

Exemplo bem dentro deste perfil é o do funcionário da Caixa Econômica Federal que com mais dois amigos já se dedica à prestação de serviços na área de organização do trabalho, treinamento e promoção de eventos. Com o conhecimento acumulado em cursos custeados pelo governo, a insatisfação de sentir a capacidade técnica subaproveitada e a perspectiva de ter a renda familiar diminuída pela aposentadoria, o funcionário - que não quis ser indentificado - em nenhum momento duvida de que o sucesso da microempresa é garantido.

A Secretaria de Finanças estima em cerca de 16 mil as microempresas no DF, mas avalia que o recolhimento do ICMS não trará valores significativos em termos de arrecadação global para o GDF. Até o mês passado as microempresas eram isentas de alguns impostos federais (PIS, Finsocial e IR - pessoa jurídica) e estaduais (ICM e ISS), e tinham facilidades com relação à sua própria contabilidade. Com a criação de um imposto único - o ICMS - os microempresários deixaram de ser isentos desse tributo, embora o GDF não tenha ainda definido a forma de arrecadação.



Margareth, microempresária, considera mais compensador trabalhar por conta própria

Antonio Cunha